

# A Suspeita em Freud: o estatuto da interpretação em psicanálise

Tiago Ribeiro Nunes  
Renata Wirthmann Gonçalves Ferreira

*Universidade Federal de Goiás  
Catalão, GO, Brasil*

Wesley Godoi Peres

*Universidade de Brasília  
Brasília, DF, Brasil*

---

## RESUMO

O presente estudo destaca o tema da suspeita em Freud. Partindo da hipótese de que, em Freud, a suspeita se realiza sob a forma do inconsciente e que o inconsciente freudiano recusa exaurir-se na tradução, demonstraremos que a interpretação psicanalítica afirma, sobretudo, a característica diferencial de um inconsciente no qual o significante e o afeto encontram-se fundidos sob a forma da falha.

**Palavras-chave:** Psicanálise; interpretação; falha.

## ABSTRACT

*The Suspicion in Freud: the psychoanalytic interpretation status*

The present study detaches the subject of the suspicion in Freud. Starting by the hypothesis that, in Freud, the suspicion realizes itself in the form of the unconscious and that the Freudian unconscious refuses exhaust itself in the translation, the study will demonstrate that the psychoanalytic interpretation affirms, above all, the differential characteristic of an unconscious in which the significant and the affection are merge in the form of failure.

**Keywords:** Psychoanalysis; interpretation; failure.

## RESUMEN

*La Sospecha en Freud*

El presente estudio pone de relieve el tema de la sospecha en Freud. A partir de la hipótesis de que, en Freud, el sospechoso se encuentra en la forma del inconsciente y el inconsciente freudiano no se traduce por entero, probaremos que la interpretación psicoanalítica asevera, sobre todo la característica de uno inconsciente en lo qual la palabra e el afecto estan unidos en la forma de la equivocación.

**Palabras clave:** Psicoanálisis, interpretación, error.

---

## INTRODUÇÃO

Ao contrário do que ocorreu nos dias de seu advento, quando foi severamente combatida, a psicanálise tornou-se uma prática bastante popular em nossa época. Em pouco mais de um século de existência, ela teve seu campo de atuação ampliado até o ponto de ser atualmente considerada uma ferramenta operatória indispensável a uma enorme variedade de teorias e práticas. O impacto das descobertas psicanalíticas no pensamento ocidental implicou, inevitavelmente, em uma revisão ampla dos pressupostos que o

fundamentavam. A descoberta do inconsciente fez da psicanálise uma referência obrigatória.

O aumento da popularidade, associado à difusão do saber psicanalítico pelos mais diversos campos do conhecimento, participa igualmente do enfraquecimento da psicanálise: esquecimento do que existe de mais perturbador na descoberta freudiana.

Resulta desse movimento de popularização, a vulgarização de certos clichês consagrados, apesar da enorme distância entre aquilo que eles enunciam e o que foi realmente formulado por Freud. Apesar de tudo isso, é necessário reconhecer que a popularização da

psicanálise, em escala mundial, não lhe trouxe apenas prejuízos. Ao mesmo tempo em que a enfraqueceu, deturpando algumas de suas idéias mais fundamentais, assegurou-lhe a sobrevivência enquanto teoria e prática clínica. Esse estranho ofício, tão pouco adequado aos preceitos estabelecidos pelo saber ortodoxo, foi acolhido e legitimado inclusive pela Universidade. Assim, paradoxalmente, sua difusão em larga escala parece ter-lhe reservado dois destinos opostos entre si: a popularização que lhe garantiu a sobrevivência também produziu distorções importantes na teoria originalmente proposta por Freud.

O presente estudo pretende destacar algumas articulações freudianas acerca do tema da suspeita. O ponto do qual partiremos e que trataremos de desenvolver é o seguinte: em Freud a suspeita se realiza sob a forma do inconsciente. Partindo da afirmação de que o inconsciente freudiano recusa exaurir-se na tradução, verificaremos de que modo a interpretação se configura no dispositivo psicanalítico como procedimento técnico a partir do qual o inconsciente pode ser vislumbrado em seus lampejos. Tentaremos demonstrar que a interpretação psicanalítica afirma, acima de qualquer coisa, a característica diferencial de um inconsciente no qual o significante e o afeto encontram-se fundidos sob a forma da falha.

## A (RE)FUNDAÇÃO DA HERMENÊUTICA

Por ocasião de um colóquio do qual participou em 1967, Michel Foucault referiu-se a Marx, Nietzsche e Freud como sendo eles os responsáveis pela mais profunda das transformações ocorridas na história das técnicas da interpretação. Apesar das diferenças que caracterizam a pesquisa e a obra de cada um deles, Foucault (2005) os reúne a partir de um ponto em comum: o fato de terem sido eles os responsáveis pela ampliação praticamente ilimitada das possibilidades interpretativas e pela conseqüente (re)fundação da hermenêutica.<sup>1</sup>

Para Foucault (2005), uma investigação sobre as técnicas de interpretação nas culturas indo-européias (3000-2000 a.C.) seria capaz de nos revelar que a sua matriz interpretativa sempre esteve baseada em dois tipos de suspeita: em primeiro lugar, a suspeita de que os conteúdos manifestos são sempre ilusórios, isto é, a convicção de que a linguagem não diz exatamente aquilo que ela enuncia, mas guarda sempre atrás de si um sentido mais completo e mais fundamental; por outra parte, a suspeita de que a linguagem ultrapassa sua forma puramente verbal, indício de que sempre há linguagem sendo articulada, ainda que isso se realize em um outro registro, diferente daquele da palavra. Além disso, essa pesquisa permitirá verificar que as

técnicas interpretativas, anteriores ao século XIX, estiveram comumente baseadas em definições claras dos tipos possíveis de semelhança; seus signos eram distribuídos de modo homogêneo em um espaço, também ele, homogêneo. Entretanto, a partir do século XIX, o universo dos signos passa a ser disposto de modo bastante diferenciado, ampliado em relação às suas possibilidades e não mais encerrado pelos limites da semelhança.

Mas de acordo com Foucault (2005), o que torna a interpretação em Marx, Nietzsche e Freud radicalmente inovadora, em relação aos seus predecessores, não deve ser buscado pura e simplesmente na tentativa de surpreender, por baixo das palavras, um discurso supostamente mais profundo e original. Para ele (Foucault, 2005) a verdadeira novidade reside no fato de que o traço fundamental da interpretação passa a ser seu permanente estado de inconclusão: na medida em que tudo se revela ser, desde sempre, interpretação, nada mais há de absolutamente primeiro a se fazer conhecido. Isso significa, muito precisamente, que a hermenêutica em Marx, Nietzsche e Freud, depois de percorrer o longo caminho rumo ao mais profundo dos sentidos, retorna de posse da conclusão de que a profundidade nada mais é do que uma espécie de dobra na superfície da exterioridade: o profundo revela-se continuidade da superfície: o interior e o exterior são a mesma coisa.

Disso decorre que o caráter infinito da interpretação dependa não exatamente da ampliação ilimitada das semelhanças e possibilidades de articulação, mas de sua íntima relação com o irredutível, que faz com que todos os seus avanços aparentes resultem na impossibilidade de atingir o ponto visado: quanto mais ela avança, mais tende a fazer-se reconhecer como estruturalmente vazia, sempre inacabada e fadada a desdobrar-se perpetuamente. Concluir pela generalização segundo a qual tudo é interpretação equivale a recusar definitivamente a existência de qualquer significado primordial.

## A INTERPRETAÇÃO PSICANALÍTICA

A suspeita, anunciada por seus predecessores, repercute e é ampliada na obra de Freud: tudo o que é dito mantém encoberto um vestígio de não-dizer, resíduo inexprimível do trauma. A descoberta do inconsciente por Freud afirma categoricamente o profundo desconhecimento do sujeito em relação a si mesmo e à realidade que o cerca. Por esse motivo, a interpretação sempre esteve no primeiro plano da técnica psicanalítica.

Em sua origem, a psicanálise foi, basicamente, “[...] uma arte interpretativa” (Freud, 1920/1974a, p. 31).

É pelo exercício da interpretação, empreendido ao longo de suas primeiras formulações teóricas, que Freud inaugura sua prática e nos introduz na dimensão dos sentidos inconscientes. Em sua *Traumdeutung* (Freud, 1900/1974b), a interpretação é a chave para que os desejos inconscientes sejam revelados. Assim, se a cena dos sonhos era comumente composta de impressões vagas e inexatas, a interpretação servia ao psicanalista como meio de acesso à verdade do inconsciente.

Em termos freudianos, a interpretação surge referida à *Bedeutung*, à significação. Para Freud, a interpretação relaciona-se com a determinação das significações possíveis: assim, toda *Traumdeutung* está baseada na indicação da *Bedeutung* inconsciente dos sonhos. Do mesmo modo, tudo aquilo que se realiza sob as formas dos atos-falhos, chistes e sintomas pode ser trazido à luz através do procedimento interpretativo.

Tal como os hieróglifos, o texto do inconsciente precisa ser decifrado e é pela interpretação que se torna possível determinar as motivações dos pequenos acidentes da vida cotidiana, bem como a causa dos sintomas neuróticos. Por meio da interpretação, destaca-se o sentido no aparente *non-sense*. Em consequência de uma interpretação justa, o analisando se vê surpreendido por um dado novo, profundamente revelador de sua condição subjetiva, apesar de cotidianamente negligenciado. A interpretação aponta para algo que, apesar de esquecido, parasita todo o discurso do paciente. Cabe salientar neste ponto que, ao contrário daquilo que supõe o senso comum, a interpretação psicanalítica não corresponde a uma atitude arbitrária do analista. O psicanalista não é o detentor das chaves que abrem o inconsciente. No dispositivo analítico, seu lugar é o do provocador/pontuador cujo objetivo primordial é suscitar associações por parte do analisando.

Conforme o apontamento feito por Foucault (2005), o permanente estado de inconclusão da interpretação faz com que ela tenda ao infinito: se todo enunciado pode ser traduzido por outro mais justo e adequado, haverá sempre algo mais a ser dito. Sendo assim, todo processo de decifração resultará sempre parcial: convocação contínua de uma nova etapa interpretativa. Ao contrário do que pode parecer à primeira vista, o caráter infinito da interpretação deve-se a uma espécie de resíduo irreduzível, impossível de ser capturado pela rede dos sentidos, frente ao qual todo avanço aparente revela-se impossibilidade de atingir o ponto visado. Desdobramento contínuo e continuamente incompleto. A infinitude da interpretação testemunha um inconsciente que é pura falha, resíduo que recusa ser traduzido por completo.

## PARA ALÉM DO SENTIDO DA INTERPRETAÇÃO

No primeiro período da elaboração freudiana, a interpretação se configura a partir da dessimetria entre dois enunciados. Essa é a sua forma prevalente. Do ponto de vista técnico e formal, trata-se basicamente da substituição de um enunciado por outro. Conforme sublinha Foucault (2005), esse processo de substituição de um enunciado por outro é o que faz da interpretação um procedimento interminável: será sempre possível, e mesmo necessário, ampliar o deciframento até que ele se aproxime ao máximo do ponto visado. Entretanto, o inconsciente descoberto por Freud, é, acima de qualquer coisa, um ponto de opacidade no interior do psiquismo. Uma de suas características distintivas mais fundamentais é sua irreduzibilidade à apreensão conceitual. Esse é o ponto de chegada de Freud em sua *Verneinung*<sup>2</sup>: o inconsciente é vazio de conteúdos.

A afirmação segundo a qual o inconsciente não possui qualquer conteúdo, mas subsiste como um resíduo indecifrável impõe condições particulares ao trabalho interpretativo que se realiza em uma psicanálise. Marca da incidência da pulsão sobre o corpo, o inconsciente não se reduz a um sentido a ser descoberto pelo dispositivo psicanalítico. Assim, ainda que se pretendesse fazer da psicanálise uma hermenêutica, esse esforço resultaria inútil. O estatuto do inconsciente, sua irreduzibilidade ao campo significativo, faz com que a invenção freudiana escape de ser uma hermenêutica. A entrada em cena dos afetos pela via da *transferência*, sua atuação contraproducente e perturbadora para a análise são exemplos de que a invenção freudiana é mais do que um mero procedimento lingüístico. Em sua correspondência a Fliess encontramos a seguinte observação:

... Minha análise prossegue e continua sendo o meu interesse principal. Tudo é ainda obscuro, até mesmo os problemas; mas há um sentimento reconfortante de que é necessário tão somente dar uma busca no depósito, para encontrar, mais cedo ou mais tarde, aquilo de que se precisa. O mais desagradável de tudo são os estados afetivos, os quais com frequência, ocultam totalmente a realidade. (Freud, 1897/1974c, p. 360-361).

Freud constata que seu comprometimento e seu empenho em prosseguir sua análise pessoal não são suficientes para assegurar o sucesso de seu projeto: algo o perturba, os afetos o desencaminham. Segundo ele nos informa, tudo iria muito bem não fosse pela intromissão dos afetos: o trabalho investigativo avançaria até atingir o ponto visado, os sentidos inconscientes seriam plenamente descobertos. Mas

os estados afetivos estão aí como representantes dos limites desse procedimento. Sua emergência representa um impasse clínico para a psicanálise.

Ao longo da obra freudiana, esse impasse surge sob a forma do umbigo dos sonhos, da não inscrição da feminilidade no psiquismo, do rochedo da castração e, principalmente, da pulsão de morte. Em todos esses casos entram em cena impedimentos substanciais, obstáculos ao livre curso da fala. Embora uma psicanálise se constitua pela palavra, embora seja a palavra o seu operador formal, o segredo da interpretação psicanalítica conforme ela é proposta por Freud implica preservar o lugar do que não se diz (Miller, 2005). Esse é um elemento diferencial no que concerne ao exercício da interpretação em psicanálise.

A interpretação conforme projetada, inicialmente, cuja função primordial era apontar o sentido subjacente à fala do sujeito, acaba cedendo lugar à *construção*. Para Jacques-Alain Miller, o que Freud chama de construção “[...] é o significante que vem do analista para tamponar o furo no saber inconsciente, o impossível de ser recuperado [...]” (Miller, 2005, p. 37). A construção responde, assim, a uma necessidade interna ao dispositivo analítico: diante da impossibilidade de rememoração, constrói-se. Por meio desse procedimento, espera-se a liberação da interdição, a superação do recalque. Entretanto, opõe-se a essa expectativa uma impossibilidade estrutural, contradição interna ao simbólico (Miller, 2005): é impossível dizer toda a verdade. À fala plena, opõe-se o silêncio em sua forma mais radical: a pulsão de morte.

## O LUGAR DA INTERPRETAÇÃO EM FREUD

Apesar de ter sido considerada, desde o seu advento, uma prática fundamentalmente prosaica, a psicanálise sempre manteve um lugar para o não-dito e para aquilo que não se pode dizer. Em primeiro lugar, porque é do não-dito, daquilo que foi recalcado e subtraído da rede discursiva que ela retira o material constituinte de seu campo teórico e de sua prática. Em segundo lugar, porque desde o advento da pulsão de morte, na teoria freudiana, que o trabalho de decifração do inconsciente encontra no real dessa pulsão um lugar reservado ao silêncio inatingível pela fala: o ato analítico não coincide com uma fala explicativa.

É certo que o início da psicanálise foi marcado pela idéia de que o inconsciente era uma espécie de mensagem cifrada, que tendia permanentemente a retornar sob a forma incômoda dos sintomas. Nesse contexto, a tarefa do psicanalista era prioritariamente esclarecer as reais motivações dos atos inconscientes por meio do procedimento interpretativo. Entretanto,

apesar da base eminentemente verbal de sua teoria do inconsciente, Freud (1920/1974a) sinalizou, por meio do conceito de pulsão, para essa espécie de resto indecifrável diante do qual a palavra sempre fracassava no decorrer do processo de uma análise.

Ao longo de uma psicanálise era de se esperar que o paciente fosse levado a superar o recalque e a decifrar por inteiro sua mensagem inconsciente. Todavia, Freud reconhece, em alguns de seus textos mais importantes, que o ideal psicanalítico da rememoração completa fracassa. A necessidade de construção em análise está diretamente relacionada com o impossível de ser alcançado pela reminiscência, com o limite simbólico diante do qual a palavra fracassa. Isso quer dizer que, no lugar em que deveria surgir o esclarecimento da mensagem inconsciente como resultado do dispositivo freudiano da associação livre, algo falha, o inconsciente não se deixa traduzir por inteiro e o discurso articulado na busca da rememoração dá lugar ao silêncio. Essa constatação é também a afirmação de que a operação analítica, baseada na fala, deixa atrás de si um resíduo impossível de ser dito.

Reconhecer que o fim de uma psicanálise situa-se na constatação da existência de um elemento irreduzível à palavra significa confrontar-se com fato de que a suposta completude do Outro é apenas uma ilusão. A emergência do resto, resíduo das operações simbólicas que ocorrem na análise, evidencia a existência de uma falta no registro Outro: limite estrutural da linguagem. Lacan responde a esse impasse estrutural formalizando seu objeto pequeno a: sempre haverá no percurso analítico um resto, efeito da inominável incidência da pulsão no corpo (Lacan, 1964/1985). A verdade do inconsciente recusa ser plenamente convertida em esclarecimento: uma psicanálise é também um esforço de poesia.

## INTERPRETAÇÃO PSICANALÍTICA E POESIA

A interpretação psicanalítica recusa-se a ser um esclarecimento. Assim, por mais que estejamos habituados a encará-la como tal, ou inclinados a fazer dela um antídoto contra o mal-estar na cultura, esse não é o seu lugar. Uma psicanálise não se reduz ao mero exercício de preencher lacunas. Ao contrário, a interpretação psicanalítica deve ser capaz de produzir furos, abrir espaço para que o sujeito seja confrontado com os seus ditos.

É por essa perspectiva que a psicanálise pode despedir-se do prosaísmo para irmanar-se da poesia. Tal como ocorre à imagem poética, a interpretação psicanalítica prefere o vazio a ter que se conjugar nos moldes dos códigos desgastados pela linguagem do dia-

a-dia: a mensagem que ambas encerram faz a exigência de não ser um dado universal, mas particular. Sobretudo porque concerne à experiência singular do sujeito. O sentido da imagem poética “[...] não se pode dizer com outras palavras” (Paz, 1976, p. 48), pois toda tradução possível resulta sempre na perda da vitalidade criadora, no empobrecimento do efeito poético propriamente dito. De acordo com Octavio Paz:

a linguagem tocada pela poesia, cessa imediatamente de ser linguagem. [...] Nascido da palavra o poema desemboca em algo que a transpassa. [...] Assim, a imagem é um recurso desesperado contra o silêncio que nos invade cada vez que tentamos exprimir a terrível experiência do que nos rodeia a nós mesmos. [...] A linguagem, voltada sobre si mesma, diz o que por natureza parecia escapar-lhe. O dizer poético diz o indizível. (Paz, 1976, p. 48)

A linguagem tocada pela poesia deixa de comunicar, abandona seus usos comuns para inaugurar no campo simbólico do qual ela partiu uma nova dimensão. A interpretação psicanalítica se instaura enquanto autorreferente cuja vitalidade e potência dependem de que ela se afaste do utilitarismo das explicações. A interpretação é menos uma resposta à queixa do sujeito do que uma provocação que o questiona sobre suas motivações inconscientes e o convoca a responsabilizar-se pelo seu desejo.

## CONCLUSÃO

Ao enunciar sua tese sobre a existência do inconsciente, Freud colocou sob suspeita o racionalismo ocidental. Recorrendo aos sonhos, aos chistes e às demais formações do inconsciente, ele demonstrou que o homem é governado por forças que escapam às suas intenções conscientes. Questionou-se continuamente acerca do estatuto da consciência, até o ponto de reduzi-la a uma simples ferramenta da percepção, a isso que no homem supera a força da sua própria vontade ele designou com os termos desejo inconsciente.

O inconsciente formulado por Freud não coincide com o oposto simétrico da consciência. O que torna o inconsciente freudiano radicalmente novo em relação àquilo que teorizaram, a esse título, os seus predecessores, é o seu estado de permanente ruptura: falha que faz vacilar todo o edifício construído pelas virtudes da razão/consciência. Sendo assim, qualquer um que tenha sido seduzido pela tendência de descrevê-lo como aquilo que está apenas momentaneamente oculto da consciência, terá incorrido em um equívoco grosseiro. Para Freud, o inconsciente não é um ato de má-fé destinado propositalmente a preservar o sujeito

de uma parte da sua história, mas afirma a ocorrência de um evento primordial, cujo efeito traumático concentra-se em sua impossibilidade de ser traduzido em palavras. O impronunciável e recorrente vestígio traumático que preside a constituição do sujeito e o acompanha sob a forma metaforizada dos sintomas decreta a existência de algo que não apenas escapa ao domínio da consciência como se recusa permanentemente a ser integralizado por ela.

Exatamente por isso, Freud chega a supor a infinitude do trabalho psicanalítico: subsistiria sempre um resto, impossível de ser alcançado pelo esforço clínico. Ao mesmo tempo, o fim de análise foi suposto sob a forma de uma construção em análise, cujo efeito seria a certeza alucinada do paciente sobre sua verdade. Em lugar daquilo que recusa a integralização ao universo simbólico do paciente, a construção analítica surge como recurso.

A afirmação desse traço fundamental, assim como a restituição da descoberta de Freud ao seu devido lugar, necessitou de mais de meio século para ocorrer. Depois de Freud, a interpretação (dispositivo fundamental para a leitura do texto inconsciente) se transformou muito rapidamente na repetição monótona de certos clichês. Tudo o que dela podia ser dito reduzia-se a um par de truques que mantinha o dispositivo analítico funcionando às cegas. Todo o esforço feito por Freud ao longo de seu percurso intelectual para demonstrar a relação de pertencimento entre a interpretação e o surgimento de algo surpreendente e fora-do-sentido, de um elemento não apenas imprevisível, mas inimaginado, acabou esquecido. A novidade freudiana foi rapidamente substituída pela monotonia pouco criativa das repetições de certos modelos. O empenho freudiano em demonstrar que a psicanálise se reconstrói a cada instante da clínica foi transformado numa ortodoxia estéril: defesa em relação à novidade descoberta, recusa permanente do inconsciente.

Muitos pós-freudianos buscaram refugiar-se na segurança de certas fórmulas infalíveis. Em consequência disso, a interpretação perdeu gradativamente sua vitalidade: a fórmula decretou o fim da suspeita e o próprio fechamento do inconsciente. Não há mais motivos para suspeitar se o problema de toda a humanidade pode ser expresso nos mesmos termos. A psicanálise transformou-se, conforme nos diz Fábio Herrmann, em uma “[...] mesmice burocrática” (Herrmann, 2004, p. 52-55), repleta de interpretações de almanaque.

Foi preciso haver Lacan para que a interpretação fosse recolocada em seu eixo. Sua releitura de Freud é a demonstração de que o inconsciente não corresponde a um conteúdo oculto que precisa ser descortinado. O

inconsciente freudiano, conforme Lacan nos apresenta, é aquilo que falha e faz falhar qualquer tentativa de apreensão conceitual: recusa à exigência de um significado primordial. Ao contrário do que se pode pensar à primeira vista, os limites dessa prática clínica não a tornam mais um dentre os muitos dispositivos dispensáveis, mas imprimem ainda mais força e virulência à sua crítica em relação a uma pretensa completude da razão.

## REFERÊNCIAS

- Foucault, M. Nietzsche, Freud, Marx. In *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. (Tradução: Elisa Monteiro). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- Freud, S. (1974a). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (vol. 18, pp. 17-85). Rio de Janeiro: Imago. (Original published in 1920).
- Freud, S. (1974b). A interpretação dos sonhos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (vol. 4-5). Rio de Janeiro: Imago. (Original published in 1900).
- Freud, S. (1974c). Carta 73. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (vol. 1, pp. 360-361). Rio de Janeiro: Imago. (Original published in 1897).
- Herrmann, F. (2004). Um morto contra a morte. *Cult*, 77, 52-55.
- Lacan, J. (1985). *O seminário*. Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original published in 1985).
- Miller, J.-A. (2005). *Silet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- Paz, O. (1976). A imagem. In *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva.

Recebido em: 22/05/2009. Aceito em: 03/11/2009.

### Notas:

<sup>1</sup> Por hermenêutica compreende-se qualquer técnica de interpretação, desde uma interpretação iconográfica, baseada em símbolos, até uma interpretação que ultrapasse este campo simbólico, que tome o objeto a ser interpretado sempre como um deslimite, nunca completamente passível de ser apreendido e compreendido.

<sup>2</sup> O termo alemão *Verneinung* designa tanto a negação no sentido gramatical como no sentido psicológico (recusa de uma afirmação enunciada).

### Autores:

Tiago Ribeiro Nunes – Graduado em Psicologia pela Universidade Católica de Goiás (2004), Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2006) e Doutorando em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (UnB). Atua como docente e subcoordenador do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Goiás/CAC desde 2006. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase na Teoria Psicanalítica, pesquisando principalmente as relações entre Clínica e Cultura.

Wesley Godoi Peres – Psicólogo e Escritor. Possui graduação em Psicologia pela Universidade Católica de Goiás (2003), é especialista em Teoria Psicanalítica pela Universidade de Brasília - UnB (2005), mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2007), com dissertação sobre relações entre literatura e o inconsciente freudiano, e doutorando em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (UnB).

Renata Wirthmann Gonçalves Ferreira – Possui graduação em Psicologia pela Universidade Católica de Goiás (2003) e mestrado em Psicologia pela Universidade de Brasília (2005). Atualmente é professor assistente, nível 1, da Universidade Federal de Goiás e doutoranda do programa de pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da UnB. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Clínica-Psicanálise, atuando principalmente nos seguintes temas: artes, Frida Kahlo, feminilidade, sexualidade feminina e psicose.

### Enviar correspondência para:

Tiago Ribeiro Nunes  
Rua Ana Rosa de Jesus, nº 233, apt. 03, Ipanema,  
CEP 75705-080, Catalão, GO, Brasil  
E-mail: ribeiro.nunes@gmail.com